

***Babbitt*: a classe média norte-americana na década de 20**

GONÇALVES, Elizabeth do Carmo

Elis Regina Fernandes Alves (orientadora)

RESUMO: O presente artigo analisa o personagem Babbitt, personagem protagonista do romance *Babbitt*, de 1922, de Sinclair Lewis, homem da classe média norte-americana na década de 20. Objetivou-se apontar as relações entre Babbitt e os outros personagens que representam esta classe, mostrar a sociedade consumista da época através do personagem George Babbitt e de sua relação com sua família, amigos, colegas de trabalho, etc. Fez-se uso da teoria literária sociológica, que verifica as relações da estrutura narrativa com os aspectos sociais que compõem o cenário da obra. A metodologia foi bibliográfica, com coleta de trechos da obra para exemplificar como o personagem Babbitt relaciona-se com a sociedade de sua época. Conclui-se que este romance tematiza criticamente a classe média estadunidense da década de 20 e que a figura de Babbitt mostra como as relações sociais desta família baseavam-se na aparência.

Palavras-Chaves: Literatura e sociedade, classe média, *Babbitt*.

ABSTRACT: The present article analyzes the character Babbitt, character protagonist of the romance *Babbitt*, 1922, of Sinclair Lewis, man of the North American middle class in the decade of 20. It was aimed at to point the relationships among Babbitt and the other characters that represent this class, to show the consumerist society of the time through the character George Babbitt and of his relationship with his family, friends, work friends, etc. it was Made use of the sociological literary theory, that it verifies the relationships of the narrative structure with the social aspects that compose the scenery of the work. The methodology was bibliographical, with collection of passages of the work to exemplify as the character Babbitt links with the society of his time. It is ended that this romance thematize critically the American middle class of the decade of 20 and that the illustration of Babbitt shows as the social relationships of this family were based in the appearance.

Keywords: Literature and society, middle class, *Babbitt*.

Introdução

O presente trabalho analisa a obra *Babbitt*, romance escrito por Sinclair Lewis em 1922, enfocando a classe média da década de 20, época em que o livro foi escrito. Trata-se de um tema que está em toda obra, e verificar-se-á como eram as relações do personagem principal George F. Babbitt com os outros personagens e como ele representa esta classe.

Utilizando a teoria literária sociológica, que busca analisar as relações dos personagens na obra com a sociedade, ou mesmo a relação dos elementos estruturais da obra com os aspectos sociais de uma determinada época, objetivaremos mostrar a sociedade consumista da época através do personagem George Babbitt e de outros personagens. A partir disso relacionaremos trechos da obra para comprovar o que dizemos,

verificando de que modo Babbitt representa esta sociedade consumista que vivia de aparência, o que a família, os amigos o emprego e os lugares que frequentava significavam para ele, se tudo isto era fundamental para ele ter sucesso e/ou felicidade em sua vida.

As relações entre literatura e sociedade sempre foram objeto de análise de diversos teóricos e é notório que a personagem de ficção tenha de alguma forma, relações com seu ambiente social. Por isso, é válido observar, sob este viés literário, este romance que enfoca de forma inequívoca as relações de uma determinada família com sua classe social, com os elementos que constituem esta classe social, em específico, a família Babbitt e a classe média estadunidense dos anos 20.

Através de pesquisas bibliográficas de autores como: Candido (2006), Silva (2003), Goldmann (1976) e outros buscaremos a fundamentação teórica para fazer a comparação de trechos da obra com o que dizem estes renomados escritores sobre como se dão as relações dos elementos desta obra de ficção com a sociedade.

1. Literatura e sociedade

As definições acerca da crítica sociológica são diversas, pois cada autor tenta dar um foco diferente o que considera como essencial ou importante nas relações entre literatura e sociedade. Os dois primeiros autores que fizeram tentativas para mostrar as relações entre literatura e sociedade foram os franceses Mme. De Stael (1766-1817) e Hyppolite Taine (1828-1893). No ano de 1800 apareceu um livro chamado *Da literatura considerada em suas relações com as instituições sociais*, de Mme. De Stael. No final do século XVIII, em *De La littérature e De l'Allemagne*, Mme De Stael estuda ainda as características dos diferentes expoentes da literatura nos países mais desenvolvidos da Europa. Já Taine, influenciado pelo Determinismo, acredita que a obra de autor era um reflexo da vida das condições sociais da época do autor. (SILVA, 2003). Depois, no Brasil, Sílvio Romero iniciou estudos relacionando literatura e sociedade, com foco nas questões de sociologia, no século XIX. E no século XX muitos estudiosos contribuíram para a crítica sociológica, dentre eles Georg Lukács, Lucien Goldmann, Mikhail Bakhtin e Antonio Cândido e outros mais recentes como Marisa Corrêa Silva e Jean-Yves Tadié que fazem leituras dos pensamentos dos estudiosos acima citados. Comentaremos alguns dos principais pensamentos sobre literatura e sociedade.

A literatura tem mostrado através dos tempos a importância de utilizar recursos como poemas, versos, romances e prosas, de modo geral, para transmitir informações

pertinentes que se eternizam, contudo mantêm-se contemporâneas a todas as gerações. Para Silva “Ela é criada dentro de um contexto; numa determinada língua, dentro de um determinado país e numa determinada época, onde se pensa de uma certa maneira” (2003, p.123), isto é, um texto carrega, de algum modo, as marcas de uma sociedade e nele é possível averiguar seus costumes, seus valores e sua cultura.

Desta forma, os acontecimentos são produzidos dentro da cada realidade vivida e presenciada, às vezes fatos ocorridos em outras épocas estão acontecendo, de forma muito similar, novamente, como se a sociedade da época atual estivesse voltando no tempo. Isso ocorre por que a literatura é um reflexo do comportamento do indivíduo, e o escritor, com toda a liberdade que possui, muitas vezes descreve a realidade da sociedade que o cerca em sua obra literária. Segundo Goldmann “[...] não há necessidade de ser sociólogo para declarar que o romance, crônica social, reflete a sociedade de seu tempo;” (apud TADIÉ, 1992, p. 175)

É preciso entendermos, porém, que a obra literária não pode ser analisada somente como um “reflexo da realidade”, pois que ela contém seu valor independentemente de refletir bem a sociedade ou não, como afirma Silva: “[...] um texto literário é bom por que é bem escrito, por que trabalha a linguagem de forma criativa, por que utiliza os “espaços em branco” (interstícios) para enriquecer as possibilidades de leitura etc.” (2003, p. 123). Os teóricos da Crítica sociologia vêem a ligação da literatura com a sociedade, mas não de forma simplista, como se a obra literária apenas descrevesse fatos que ocorrem na realidade e sim, como afirma Lukács que “a literatura não reflete a realidade social apenas na descrição dos ambientes, objetos, roupas, gestos etc.[...] mas também – e principalmente – na sua essência, na maneira com que a fábula se desenrola, na articulação dos mecanismos que estruturam um texto” (apud SILVA, 2003, p. 125). Conforme a sociedade está organizada o texto é produzido como um todo e não apenas descrevendo lugares, gostos, pessoas, mas também tecendo redes entre personagens, fatos, ambientes, etc, que se interrelacionam, assim como os elementos da sociedade que cercam estes personagens.

A sociedade é uma das inspirações de autores de diferentes épocas, que representam indivíduos que vivem numa comunidade ou grupo respeitando regras, valores éticos e sociais. Todos os fatores determinantes em uma sociedade podem ser alvo de críticas ou denúncias ou elogios por parte da literatura.

Antonio Cândido diz que “A sociedade, com efeito, traça normas por vezes tirânicas para o amador de arte, e muitos do que julgamos reação espontânea da nossa

sensibilidade é, de fato, conformidade automática aos padrões. [...]” (CANDIDO, 2006, p. 46). Diante disso a sociedade influencia o artista através de críticas construtivas ou destrutivas, o qual, muitas vezes pode sentir-se retraído e com isso perder o estímulo de criar, porém isto acontece dependendo do meio social em que o indivíduo está inserido.

Um dos primeiros estudiosos das relações entre literatura e sociedade foi Lukács, que estudou as mudanças dos gêneros literários de acordo com a mudança da configuração das sociedades. Para ele, os gêneros literários “correspondem à mentalidade da sociedade que as originou” (SILVA, 2003, p. 125), como é o caso da epopéia e do romance. No primeiro gênero literário a visão de mundo era harmônica e o sofrimento era parte natural da vida. O herói da epopéia é perfeito mesmo que passe por provações, dificuldades, porém há sempre a ajuda de um ser ou objeto mágico para que ele possa vencer e conquistar seus objetivos. Silva exemplifica com a obra *Édipo Rei*, de Sófocles:

[...] por mais terrível que seja o destino de Édipo, o leitor ou espectador é conduzido a sentir que seu destino já estava marcado, que precisava acontecer, porque havia sido determinado por forças muito superiores às humanas, pelo Fado ao qual os próprios deuses do Olimpo se submetem – e que, portanto, estaria fora das mãos de qualquer humano impedir a história. Isso fica bem claro pelos esforços de Laio, abandonando o menino às feras, e do próprio Édipo, fugindo da casa do pais adotivos. Esses esforços pretendiam impedir o cumprimento da profecia, mas apenas serviram para precipitá-lo. (2003, p. 125)

O herói Édipo era o tipo representativo da sociedade grega da época, em que cada indivíduo devia lutar por um bem coletivo, por um grupo, pois “a sociedade grega era do tipo “fechada”, pois dava uma explicação harmoniosa do mundo” (SILVA, 2003, p. 125). Já o romance surge no momento em que a sociedade é individualista, não mais aceitando o sofrimento como algo natural. Por isso, o herói fica isolado do mundo. Este por sua vez tem um destino individual, comete erros, tem fracassos, ou seja, é um herói problemático que procura se conhecer e o leitor se comove, pois este herói representa o indivíduo da realidade moderna. O exemplo que Silva comenta sobre o herói isolado e que luta contra esse mundo, mas não consegue dominá-lo, é da obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis:

[...] apesar da queixa final de Bentinho de que o destino quisera que sua amada e seu melhor amigo o traíssem, o leitor sente que essa queixa é mais retórica do que representação de uma conformidade com o Fado. O texto, por diferentes meios, indica ao leitor que a amargura e a solidão

final de Casmurro são frutos de um desastre (a possível traição de Capitu) e dos defeitos do próprio Bentinho, que reagiu muito mal ao fim do seu casamento. (2003, p. 125)

A partir da teoria de Georg Lukács do romance moderno, Lucien Goldmann, teórico que também contribui sobremaneira aos estudos das relações entre literatura e sociedade, comenta que “o romance é a história de uma busca degradada [...] de valores autênticos, por um herói problemático, num mundo degradado.” (GOLDMANN, 1976, p. 10). Goldmann vem reafirmar a idéia de Lukács, e percebe no romance um mundo onde os valores buscados não são mais possíveis, pois que o mundo exterior (o mundo do romance) difere do mundo “interior” do personagem. O herói do romance, sendo feliz ou não, morrendo ou não, tem sua jornada marcada pelo autoconhecimento e não o conhecimento do que seja o mundo.

Outro estudioso das relações entre literatura e sociedade é Mikhail Bakhtin, para quem o dialogismo entre a obra e o leitor é fundamental, pois os personagens não dialogam apenas entre si, mas também com o leitor e é assim que ele pode exprimir ou tirar suas dúvidas, fazer questionamentos ou até mesmo concordar e discordar do autor. Bakhtin diz que “se esquecermos essa relação dialógica, o significado do ato de linguagem desaparece, pois todo significado depende de uma relação entre quem emite e quem recebe” (SILVA, 2003, p.127), ou seja, um personagem tem voz para expressar opiniões, idéias e valores de uma instituição social e o indivíduo-leitor toma conhecimento e resolve aceitar estas idéias ou não.

Ainda ao teorizar sobre literatura e sociedade, Mikhail Bakhtin classifica alguns autores como monológicos e outros como polifônicos. Sobre os monológicos Mikhail Bakhtin diz:

[...] constroem romances nos quais todas as personagens e acontecimentos reforçam o ponto de vista do narrador, de modo que todas as contradições, brigas, opiniões diferentes, etc., parecem apenas estágios diferentes de uma evolução, do ponto de vista do narrador. (SILVA, 2003, p. 127).

De acordo com a citação, os autores monológicos não deixam que o leitor tenha suas próprias opiniões do texto, isto é, a verdade é apenas aquela que o narrador apresenta e é nessa verdade que o leitor é levado a acreditar, pois que os atos dos personagens reforçam esta “verdade”. Para Silva os autores monológicos (2003, p. 127) “não levam o

leitor a duvidar das idéias que orientam as opiniões do narrador, em geral são vinculadas como verdade”, ou seja, o narrador monológico apresenta somente a versão dele sem deixar lacunas para que o leitor dê sua opinião. Ao contrário dos monológicos existem os autores polifônicos, assim definidos por Silva:

[...] são autores que, ao colocarem falas na boca das personagens, criam a possibilidade de que elas discordem totalmente dos valores, visão de mundo e ideologia do narrador. A voz do narrador torna-se apenas uma entre muitas, e o desafio desse tipo de autor é, como na música, harmonizar as vozes diferentes num todo coerente. (2003, p.128)

Para a autora os autores polifônicos colocam falas nas personagens que dão a possibilidade de serem discordantes em relação à voz do narrador. O autor está presente para harmonizar as diferentes vozes dos personagens e do narrador, ou seja, não há certo ou errado, apenas visões diferentes e é o leitor quem decide a sua própria interpretação do que considera ser certo ou errado dentro da leitura de um texto. Silva aponta que para Bakhtin: “o conhecimento deve ser dialógico e polifônico, aberto para as contradições e para receber críticas às próprias limitações, e não monológico, fechado, incapaz de ver outros lados de cada questão.” (2003, p.128).

Não esqueceremos outro elemento indispensável ao traçarmos este panorama de crítica sociológica, denominado cronótopo, assim conceituado por Bakhtin:

[...] a conectividade intrínseca das relações espaciais e temporais que são expressas artisticamente na literatura [...]. Ele é a idéia de que, dentro da literatura, não se pode criar um tempo sem criar, simultaneamente, um espaço, e vice e versa. (apud SILVA, 2003, p. 129).

Observamos nesta citação que há um conjunto de relações essenciais entre tempo e espaço dentro de uma determinada obra, as quais nos guiam na leitura.

Vejamos agora as idéias que mais nos guiarão na análise a ser feita neste artigo, a saber, os preceitos de Antonio Candido sobre literatura e sociedade. De acordo com Cândido não basta analisarmos um texto superficialmente apenas descrevendo como as questões sociais da época são expostas dentro da obra literária, pois através das personagens e de suas ações é que o tema social entra na estrutura do romance, assim “[...] A análise crítica, de fato, pretende ir mais fundo, sendo basicamente a procura dos elementos responsáveis pelo aspecto e o significado da obra, unificados para formar um

todo indissolúvel [...]” (CANDIDO, 2006, p.15), ou seja, a análise crítica não busca apenas a forma e a estrutura da obra em questão, nem tampouco o retrato do social nela, porém busca a temática dessa obra em suas relações com o social demonstradas na estrutura da obra. Para o autor:

[...] todos sabemos que a literatura, como fenômeno de civilização, depende, para se constituir e caracterizar, do entrelaçamento de vários fatores sociais. Mas, daí a determinar se eles interferem diretamente nas características essenciais de determinada obra, vai um abismo, nem sempre transposto com felicidade. (CANDIDO, 2006, p. 20)

Ao tecer considerações sobre as relações entre literatura e sociedade, Candido considera que, inicialmente, os críticos consideravam que o valor da obra dependia de ela conseguir exprimir a realidade. Posteriormente, considerou-se o contrário, ou seja, que o aspecto social não determinava a qualidade de uma obra. Tentando trabalhar num meio termo, Candido acredita que:

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*.(2006, p. 13-14)

Vemos que a idéia do crítico é que analisemos as obras literárias verificando os fatores externos, ou seja, o social, dentro da estrutura da obra, no modo como a organização interna dos elementos da narrativa, por exemplo, no caso de obras em prosa, refletem elementos da sociedade/realidade de modo que o valor estético da obra seja determinado ou não por estes valores externos. Neste sentido, os aspectos sociais seriam como agentes estruturais do texto. O próprio Antonio Candido, para exemplificar esta idéia, busca o romance *Senhora*, de José de Alencar, como modelo e afirma que tal obra demonstra aspectos sociais de sua época de forma muito evidente, como a moda do século XIX, os locais descritos no Rio de Janeiro, o modo como os casamentos se realizavam, etc. Porém, a seu ver, o que importa realmente numa análise sociológica desta obra não é a mera verificação da retratação destes aspectos sociais, nem mesmo a simbologia da compra

do marido como forma de crítica ao casamento por dinheiro, algo muito comum na época, mas sim:

Se, pensando nisto, atentarmos para a composição de *Senhora*, veremos que repousa numa espécie de longa e complicada transação, — com cenas de avanço e recuo, diálogos construídos como pressões e concessões, um enredo latente de manobras secretas, — no correr da qual a posição dos cônjuges se vai alterando. Vemos que o comportamento do protagonista exprime, em cada episódio, uma obsessão com o ato de compra a que se submeteu, e que as relações humanas se deterioram por causa dos motivos econômicos. A heroína, endurecida no desejo de vingança, possibilitada pela posse do dinheiro, inteiriça a alma como se fosse agente duma operação de esmagamento do outro por meio do capital, que o reduz a coisa possuída. (CANDIDO, 2006, p. 16)

A análise o romance *Senhora*, feita por Candido evidencia o que o autor nos propõe quando analisamos as relações entre a obra literária e os aspectos sociais: não se deve buscar enquadrar o romance dentro de determinado momento da História, mas sim observar os elementos sociais como um dos fatores da composição estética da obra. Neste caso, para Candido, o que ocorre é: “[...] o *externo* se torna *interno* e a crítica deixa de ser sociológica, para ser apenas crítica” (2006, p. 16). Assim é que entendemos que o fator social é um dos aspectos constitutivos da esteticidade da obra, mas não o único.

Para o autor não somente o social é indispensável para a esteticidade obra, porém este fator é importante “[...] ao lado dos psicológicos, religiosos, linguísticos e outros. Neste nível de análise, em que a estrutura constitui o ponto de referência, as divisões pouco importam, pois tudo se transforma, para o crítico, em fermento orgânico de que resultou a diversidade coesa do todo.” (CANDIDO, 2006, p. 17), ou seja, outros fatores contribuíram para as relações da obra com os fatores sociais e estes tem tanta importância quanto aquele. Assim Candido diz:

Está visto que, segundo esta ordem de idéias, o ângulo sociológico adquire uma validade maior do que tinha. Em compensação, não pode mais ser imposto como critério único, ou mesmo preferencial, pois a importância de cada fator depende do caso a ser analisado. Uma crítica que se queira integral deixará de ser unilateralmente sociológica, psicológica ou linguística, para utilizar livremente os elementos capazes de conduzirem a uma interpretação coerente. Mas nada impede que cada crítico ressalte o elemento da sua preferência, desde que o utilize como componente da estruturação da obra. E nós verificamos que o que a crítica moderna superou não foi a orientação sociológica, sempre possível e legítima, mas o sociologismo crítico, a tendência devoradora de tudo explicar por meio dos fatores sociais. (2006, p. 17)

Vemos que os fatores sociais não são explicativos de tudo em uma obra literária, ele se constitui como uma forma de visão, um elemento possível de análise e quando o utilizamos, vemos que “[...] o fator social é invocado para explicar a estrutura da obra e o seu teor de idéias, fornecendo elementos para determinar a sua validade e o seu efeito sobre nós.” (CANDIDO, 2006, p. 25). Assim, importa sua verificação e aplicabilidade na obra, posto que haja influências da arte sobre o meio social e do meio social, como já afirmou Candido (2006), porém, ainda usando as palavras deste autor, sabemos que a sociologia “não pretende explicar o fenômeno literário ou artístico, mas apenas esclarecer alguns dos seus aspectos.” (CANDIDO, 2006, p. 27).

Vejam, a partir de agora, como podemos analisar o romance aqui proposto, *Babbitt*, de Sinclair Lewis, analisando o personagem protagonista e as relações sociais que podemos tecer em torno de suas relações com os outros elementos estruturais desta narrativa.

2. A década de 20 nos EUA

Ao analisar um romance como *Babbitt*, publicado em 1922, é necessário que entendamos, minimamente, o funcionamento da sociedade estadunidense na década de 20, posto que tal período neste país é marcado por inúmeros acontecimentos históricos preponderantes para os novos rumos da economia mundial. No início da década de 20 pairava no ar um sentimento de alívio, porque tinha terminado a guerra e os soldados tinham regressado aos seus lares. Após a I Guerra Mundial, a política americana e da vida social tornou-se cada vez mais conservadora. O presidente Woodrow Wilson era muito conservador e teve seu governo marcado por cortes de gastos do governo, veto aos bônus para os veteranos da Primeira Guerra Mundial, e diminuição do imposto de renda para os ricos. (KARNAL et al., 2010). A administração conservadora de Harding, também, de certa forma, preparou o palco para uma década que desfrutaria de prosperidade sem precedentes, pelo menos para as classes média e alta.

Após o fim da guerra, o cidadão americano da classe média podia finalmente alhear-se de outras responsabilidades que não fossem as de prover pelo sustento da família, conservar os costumes americanos, ou, simplesmente, divertir-se. A classe média gozou de uma prosperidade sem limites na história daquela nação, ou seja, a classe média prosperou e os americanos começaram a desfrutar da renda média nacional mais alta do mundo dessa

época. (KARNAL et al, 2010). Além disso, os avanços tecnológicos nas indústrias criavam produtos mais acessíveis à classe média, assim: “Circulavam entre as massas produtos antes restritos aos ricos- carros, luz elétrica, gramofone, rádio, cinema, aspirados de pó, geladeira e telefone- o “jeito americano de viver” (*American way of life*) tornou-se *slogan* do período”. (KARNAL et al, 2010, p. 198). Os Estados Unidos desenvolveram, neste período, uma sociedade de consumo em que consumir era sinônimo de felicidade e cidadania.

Não se pode esquecer, porém, que o período marca grandes desigualdades na distribuição de renda e que a classe trabalhadora tinha salários baixíssimos, com condições de trabalho e de moradia ainda muito precárias. Os grandes empresários tentavam forçar o fim do sindicalismo, adotando o “O Plano Americano- um programa para esmagar o poder dos sindicatos por meio de intimidação e demissão de ativistas sindicais.” (KARNAL et al, 2010, p. 200).

O conservadorismo social da década de 1920 foi evidenciado principalmente pela proibição do álcool: “o movimento antialcoólico convenceu o governo federal a proibir por lei, em 1920, a fabricação e venda de álcool (a proibição durou 13 anos), o que acabou fortalecendo o crime organizado e dando origem a um próspero mercado negro” (KARNAL et al, 2010, p. 203). Assim, os pobres não podiam beber, pois o álcool, no mercado negro, alcançava preços exorbitantes, mas as classes média e alta conseguiam beber ilegalmente, sem problemas de fiscalização, pois o medo era que o álcool se difundisse entre a classe baixa e os trabalhadores atrasassem a produção nas indústrias por terem bebido demais.

A década de 20, ao que vemos, foi marcada, nos EUA, por fortes desigualdades sociais, lutas sindicais e planos econômicos que favoreciam as classes média e alta, agravando, assim, a situação de miséria dos pobres, mas propiciando um consumismo excessivo nas classes mais abastadas. Vejamos agora como o romance *Babbitt* utiliza-se destas questões sociais na composição estrutura da narrativa.

3. Resumo do romance

O romance *Babbitt*, (1922, de Sinclair Lewis, leva o nome da personagem principal, George F. Babbitt, um homem de meia-idade que juntamente com seu sogro é sócio em uma firma imobiliária. Quando a história começa, em abril de 1920, Babbitt tem

46 anos de idade. Ele se casou com Myra e tem três filhos Verona, Ted, e Tinka. Eles moravam numa casa bem equipada de objetos modernos da época no próspero bairro *Heights Floral* em Zenith, cidade imaginária. Babbitt era profissionalmente bem sucedido como um corretor de imóveis, possuía um bom carro, bebia escondido, pois na época havia a proibição do álcool. Ele frequentava o Clube dos Atlético e depois o clube do Booster, onde mostrava-se diante da sociedade como alguém bem sucedido e feliz.

Sua esposa, Myra, preocupava-se com o modo como a sociedade via a família Babbitt e ansiava por pertencer à classe alta. Para tanto, promovia jantares convidando membros da elite de Zenith, enfeitava a casa, usava seus cristais. Seu melhor amigo era Paul que tinha um casamento fracassado com Zilla, em quem, após uma briga, atira, ferindo-a, sendo, depois disso, julgado e condenado. Babbitt admira-se de Paul não ter se arrependido do ato, mostrando-se, mesmo, feliz com a prisão, pois, contraditoriamente, ela representava a sua libertação diante de uma vida conformista e entediante.

Babbitt, um dia, se encantou por uma cliente chamada Tanis Judique e tem com ela caso extraconjugal. Ele sai com ela e sua “turma”, um grupo de jovens, para fumar e beber, mente para a esposa e para os amigos e começa a apoiar o socialismo, surpreendendo a todos com sua atitude rebelde e pouco convencional.

Porém, Babbitt se arrepende de tudo isto quando sua esposa fica doente. George Babbitt então abandona a amante e volta aos seus antigos valores, à família, aos clubes e aos amigos. Um dia seu filho Ted se casa escondido com a namorada Eunice, vizinha dos Babbitt, o que é um choque para todos, pois ambos são muito jovens. Mas Babbitt, contrariamente ao esperado, pois queria que o filho fosse para a universidade para poder exibir este fato aos amigos, apoiou o casamento e pai e filho enfrentam a família. Babbitt admira Ted por ele ter escolhido sua própria vida e não a de conformidade como ele, Babbitt, fizera no passado e da qual não mais podia fugir.

4. Análise: *Babbitt* e a sociedade Norte-Americana da década de 20

Como já falamos, a obra literária pode ser marcada pelo contexto de sua época. Partindo desse princípio, nota-se que na obra *Babbitt* de Sinclair Lewis o personagem George F. Babbitt e sua esposa Myra Babbitt são reflexos de uma classe média fútil, conformista e consumista nos Estados Unidos da década de 20. Esta sociedade teve muitos avanços tecnológicos, por exemplo, a casa de Georg Babbitt tem todos os mais recentes aparelhos elétricos, símbolos de seu sucesso.

A casa dos Babbitt [...] possuía os melhores tapetes de preço médio, uma arquitetura singela e louvável, a última palavra em conforto. Por toda parte a eletricidade substituía as velas e as lareiras anti-higiênicas. No rodapé do quarto de dormir, três tomadas de corrente dissimulavam-se sob pequenas placas de latão. Nos vestíbulos havia tomadas de corrente para o aspirador a vácuo, e na saleta, tomadas de corrente para a lâmpada do piano e para o ventilador. A bonita sala de jantar (dotada de um admirável aparador de carvalho, um armário de vidro encaixilhado em chumbo, paredes de estuque creme e a tela modesta que representava um salmão a expirar sobre um monte de ostras) tinha tomadas de corrente que supriam energia à cafeteira elétrica e à grelha elétrica. (LEWIS, 1980, p. 24)

Na citação acima vemos que a casa dos Babbitt tinha todos os tipos de aparelhos mais modernos, é uma casa que reflete a sociedade consumista da época. Babbitt e Myra gostavam de mostrar para todos seus tapetes, piano, ventilador, armário de vidro, cafeteria elétrica entre outros objetos dessa sociedade consumista para mostrar que eles tinham dinheiro, porém o narrador descreve que “Na verdade, a casa dos Babbitt só tinha um defeito: não era um lar.” (LEWIS, 1980, p. 24). O sentimento de Babbitt era de que sua casa não conseguia ser um lar, porque a família não era unida, não tinha amor, harmonia, felicidade entre eles, apenas brigas. Ele sentia-se infeliz por não ter uma família amorosa, carinhosa, mas diante da sociedade vive de aparência ao mostrar ser feliz com a casa, com o emprego e com sua família. Neste sentido, percebemos que a descrição da casa, mostrada acima, é tão fria quanto às relações familiares dos Babbitt, pois nota-se beleza na aparência, ostentação, mas intimamente há frieza e vazio. É o que se nota abaixo:

- Bonita família, palavra! Não digo que seja um cordeirinho, e é verdade que às vezes sou um pouco ranzinza no café, mas este bate-boca contínuo... não posso suportar isto. Palavra que me dá vontade de ir embora para algum lugar onde possa estar sossegado. (LEWIS, 1980, p. 30).

Embora demonstre esta insatisfação, nosso herói demonstra importar-se com a aparência, com as vestimentas, o carro, mostrar ser um bom pai e marido. Parecem ser aspectos mais importantes do que os sentimentos de felicidade familiar “[...] Tenho certo amor à minha reputação de pertencer à boa sociedade. [...]” (LEWIS, 1980, p. 82). Babbitt não queria ficar “atrás” de seus colegas de faculdade, precisava mostrar que havia “vencido na vida”. Assim, notamos que o desejo de aparentar estar bem rege as relações familiares deste protagonista, que, mesmo insatisfeito com o modo como convivia com os filhos, não

o deixa transparecer na vida social. Isto evidencia que o comportamento deste personagem se condiciona ao mais aos aspectos sociais que a própria felicidade familiar.

Babbitt é um homem que vê oportunidade em tudo para se promover na sociedade, ou seja, fala que é a favor da proibição da bebida, mas ele compra e bebe escondido da sociedade, pois era a época Lei seca:

Contudo, Babbitt era virtuoso. Defendia, sem a praticar, a proibição do álcool. Aprovava, sem lhes obedecer, as leis contra excessos de velocidade. Pagava dívidas. Contribuía para as despesas do culto, para a Cruz Vermelha e para a A.C.M. Seguia os costumes de sua classe, não velhaqueava senão quando isso era autorizado por um precedente, e nunca descia à fraude positiva. (LEWIS, 1980, p. 59)

Babbitt mostrava-se a favor das leis proibitivas da época, mas não as respeitava realmente. Assim se comportava toda a classe média e mesmo a alta estadunidense, pois que o álcool havia sido proibido, principalmente, para proibir a classe trabalhadora de beber e não produzir nas fábricas por causa disso: “- Descobri um lugar onde posso comprar todo uísque que quiser a oito dólares o quartilho” (LEWIS, 1980, 138). O personagem mostra-se um falso moralista, assim como os amigos que bebem com ele em seus jantares e outras festas. Todos eles acabam por representar muito bem a burguesia da década de 20 nos Estados Unidos, quando o que se buscava era a ostentação.

Sua relação com a esposa depois de tantos anos de casamento era apenas de amizade e cumplicidade, sem o desejo sexual comum aos casais jovens, como notamos:

Myra Babbitt, Sra George F. Babbitt, era uma mulher definitivamente madura, Seu rosto tinha sulcos que partiam dos cantos da boca buscando o queixo, e o pescoço nédio formava papos. Mas o que melhor assinalava a sua idade era o fato de não ter mais reservas com o marido e de já não pensar sequer nisso.[...] Havia-se acostumado por tal maneira à vida conjugal que , apesar das suas formas plenas de matrona, não tinha mais sexo do que uma freira anêmica. (LEWIS, 1980, p. 15-16)

A citação acima mostra a descrição da esposa de Babbitt, que após tantos anos de convivência com o marido, acabou por perder o interesse sexual por ele. Suas preocupações centravam-se mais em dar opiniões na roupa do esposo, que precisava estar bem aparentado diante da sociedade. A Sra Babbitt também é uma personagem que vive de aparência, pois quer mostrar ser rica, quer exhibir-se na sociedade, dar jantares para mostrar

que também tem uma casa bonita e com muitos aparelhos modernos da época para que as pessoas comentassem a seu respeito no outro dia.

- Ó Myra, queres uma prova antes de chegarem os convidados?
A Sra. Babbitt, que entrava azafamada na sala de jantar, deslocava de meio centímetro cada um dos cálices e dava um passo atrás com ar de resolução implacável, o vestido cinzento com rendas de prata protegido por uma toalha de algodão, encarou-o severa e respondeu ríspida. (LEWIS, 1980, p. 132)

Assim, vemos que as relações conjugais do casal não se baseiam no amor ou no sexo, mas na aparência a ser mostrada diante de amigos, convidados, colegas, etc. Ambos vivem um casamento em que se preocupam com o que o outro veste e como se portam em um jantar. Percebe-se que a constituição das relações entre os personagens assemelha-se à constituição da sociedade estadunidense da época, na medida que, assim como ambos, a classe média procurava exhibir-se, pavonear-se por ter, por possuir, por comprar, por mostrar e não pela felicidade em si.

Myra tem relações superficiais com os filhos, marido e amigos, pois o que ela preservava era a sua posição social e ter um bom casamento e filhos bonitos e bem sucedidos eram coisas que apenas agregavam valor para a visão que a sociedade tinha dela. Desta forma, nem os filhos parecem amá-la, mesmo ela demonstrando zelo familiar, como vemos: “Era uma mulher digna, bondosa, diligente; mas ninguém, excerto talvez Tinka, tomava o menor interesse por ela” (LEWIS, 1980, p.16), ou seja nem sua própria filha dava valor a ela, pois que seus sentimentos pareciam frios, muito mais direcionados às compras, aos jantares, à mostra de sua casa com seus inventos modernos, típicos de uma sociedade consumista.

Ao contrário de Myra, a esposa do melhor amigo de Babbitt, chamada Zilla, já não se prende às convenções sociais e nem no que as pessoas pensavam sobre ela, como vemos no trecho a seguir em que Zilla descreve como falara ao cobrador do bonde:

Eu estava na plataforma, esperando que me deixassem entrar, vem a tal besta, o cobrador, gritando para mim: ‘Vamos, mexa-se!’ Ora, nunca na minha vida ninguém me falou nesse tom! Fiquei tão estarrecida que olhei simplesmente para o homem... Julgava que fosse algum engano, de modo que lhe disse, com toda amabilidade: ‘O senhor falou comigo?’ Ele se pôs a berrar: ‘Falei, sim! A senhora não deixa o carro largar!’ Então percebi que estava tratando com um desses animais mal-educados com que é tempo perdido usar delicadeza.[...] ‘e além disso, meu amigo, você é um

tipo grosseiro, desbocado e insolente’, digo, ‘e não tem educação’ (LEWIS, 1980, p. 157-158)

Nesta citação Zilla, esposa de Paul, mostra-se uma mulher que não tem medo de expor-se, falando o que pensa. Ela falava sem pensar nas conseqüências que ia causar ao marido, se ele ia ficar mal visto diante da sociedade por não saber conter a mulher ou não, ela parece ser uma mulher forte enfrentando homens, porém quer que seu marido tome atitudes e que seja viril. Vemos que ela se difere de Myra, pois esta mostra-se como a típica esposa de classe média, que se preocupa com a aparência de sua casa e de suas relações familiares, como vemos após o jantar oferecido em casa:

Myra estava radiante.

- Foi perfeito, hem? Estou certa de que eles gostaram muitíssimo. Não achas?

[...] - E como estava boa a comida! Sem mentira, achei delicioso o frango assado!

[...] -Matilda preparou-o com perfeição, não é verdade? E não achas que a sopa estava simplesmente deliciosa? (LEWIS, 1980, p. 153)

Mas Babbitt, mesmo participando dos jantares oferecidos pela esposa e indo ao clube regularmente com os amigos, começa a se sentir frustrado e insatisfeito com suas relações familiares e sociais, como vemos:

Pela primeira vez, Babbitt não se desmanchou em esforços ruidosos para reter os convidados. Havia uma coisa em que precisava refletir....[...] (“Por que não iam embora? Por que não iam embora?”) [...] Consegui chegar ao fim, mas houve um momento em que pensei não aguentar mais. (LEWIS, 1980, p. 152)

Nosso herói mostra-se cordial e animado durante todo o jantar oferecido pela esposa aos amigos e vizinhos, porém, intimamente, sentia-se insatisfeito com a conversa do grupo, demonstrando não conseguir adequar-se mais àquela conversa fútil e entediante. O mesmo ocorre com suas relações familiares, pois Babbitt começa a impacientar-se com os filhos, com a esposa, com o cotidiano, como se nota: “Que família! Não sei como nós acabamos sempre por discutir deste jeito. Tenho vontade de ir para algum lugar onde possa ficar só com os meus pensamentos....” (LEWIS, 1980, p. 93).

Babbitt acaba tentando fugir dessa realidade de futilidade e de convenções sociais arrumando uma amante, vestindo-se igual a um adolescente, saindo para festas onde bebia,

fumava e dançava, como um meio de tentar encontrar a felicidade, preencher um vazio que sentia quando estava em casa, com a família.

[...] Não percebe que está empinando demais, e fumando um cigarro em cima do outro? Seria melhor que parasse por algum tempo. Com lágrimas nos olhos Babbitt declarou que o bom do Fult era um anjo, e que sim, que ele ia deixar de beber e de fumar; dito isso acendeu um cigarro, emborcou um copo e teve uma violenta discussão com Tanis [...] (LEWIS, 1980, p. 382).

Nesta citação vemos que Babbitt tenta “mudar de vida” e se lança em um mundo onde pode mostrar-se irresponsável com seus deveres com o trabalho, mentiroso por falar à esposa que ia para reuniões, quando, na verdade, ia para a casa da amante Tanis beber, fumar, e fazer tudo o que não havia podido fazer na juventude. Além disto, Babbitt ficava rapidamente furioso e agressivo com as pessoas por causa da bebida. As relações entre os personagens que participam destas festas vão se mostrando difíceis, começa a haver briga e violência e Babbitt já não sente mais prazer em estar com o grupo, como notamos na descrição da amante:

Via nela agora a mulher que começa a envelhecer. [...] Era velha, disse entre si, com um ligeiro recuo da cabeça. Velha! Notou como a carne flácida lhe formava pregas debaixo do queixo [...] “Chega de asneiras”, disse interiormente, “vou romper com ela. É uma mulher decente, simpática, e não quero magoá-la, mas há de sofrer muito menos se eu terminar de uma vez, se a extirpar como quem faz uma operação cirúrgica. (LEWIS, 1980, p. 406)

Tentando mostrar a si mesmo que podia ter uma vida mais agradável, menos entediante, sem tanto rigor social, Babbitt havia encontrado Tanis, sua amante e sua “turma”. Com eles, esquecera-se das convenções sociais, bebia em qualquer horário, fumava mais do que o habitual, ia para o trabalho com ressaca pela bebedeira da noite, importava-se pouco com os colegas do clube. Porém, esta vida também não o satisfizera, pois nela também havia cobranças e regras a serem cumpridas: ora a amante o cobrava por visitá-la pouco, ora os amigos da amante riam dele e o taxavam de “velho”. Agora Babbitt começa a se sentir também frustrado com suas novas relações social e ele vê Tanis como uma velha feia, cheia de rugas, já não se sente à vontade estando com ela, por isso ele se afasta dela e de seu grupo.

Babbitt mostra-se um personagem confuso, ora gosta da amante, ora não gosta e o mesmo acontece com os filhos, com a esposa, com os amigos do clube, com o trabalho, com todas as suas relações sociais, enfim:

E seu estado normal ele costumava admirar esse escritório, com a surpresa feliz de ter criado uma coisa verdadeiramente bela. O aspecto de asseio e novidade que tinha a sala, o seu ar de atividade, estimulavam-no. Mas hoje lhe parecia insípida: o pavimento ladrilho como o de um quarto de banho, o teto metálico cor de ocre, [...]. Nem sequer o novo refrigerador lhe proporcionava satisfação! [...](LEWIS, 1980, p. 45)

Nesta citação vemos um personagem instável com seu trabalho, que ora gosta e elogia ter conseguido construir uma bela imobiliária, ora a acha insípida e não se motiva com ela. As relações que Babbitt desenvolve com seu trabalho também refletem as relações sociais desta classe média americana da época: são instáveis, pois os tempos eram instáveis.

Nos clubes Atlético e Boosters a relação de Babbitt com os amigos era de aparência, pois o que Babbitt queria era ser visto como um homem de bem, queria mostrar-se ser um homem educado, fino e que estava a par das atualidades e queria mostrar que podia pertencer àquela sociedade. Porém, suas amizades não eram verdadeiras, eram apenas para ganhar *status* na sociedade. Ninguém se importava com a felicidade do outro, Babbitt não mostrava seus reais sentimentos, suas frustrações e aflições a eles. O clube era um meio apenas de causar boa impressão na sociedade, como podemos averiguar:

De todo homem de posição, em Zenith, exigia-se que pertencesse a uma, preferivelmente a duas ou três, das inúmeras “lojas” e clubes-restaurantes cujo lema comum era a Prosperidade: [...] Havia quatro razões para filiar-se a essas ordens: em primeiro lugar, toda a gente o fazia. Em segundo lugar era comercialmente vantajoso, pois em geral os “irmãos de loja” convertiam em fregueses. Em terceiro lugar, conferia aos americanos incapacitados de chegar a Gehimrate ou Commendatori títulos tão honoríficos como “Meritíssimo Escriba” e “Grão- Hoogow”, para ajuntar às distinções vulgares de coronel, juiz ou professor. Em quarto lugar, permitia ao escravizado marido americano passar um serão fora de casa todas as semanas. (LEWIS,1980, p.235)

George Babbitt tinha um enorme apreço por Paul, seu amigo, tinha-o como um irmão “Paul Riesling era a pessoa que mais estimava no mundo, exceto ele próprio e sua filha Tinka.[...] como que um irmão mais moço que se devia animar e proteger.[...]” (LEWIS, 1980, p. 53). Paul, assim como Babbitt, vivia também uma vida de aparências,

preso a um casamento fracassado e insatisfeito com sua profissão. Porém, ele deixa de ser reflexo desta sociedade fútil e frustrada dando um tiro na esposa e por isso “Sentia-se feliz com a ausência de sua mulher.” (LEWIS, 1980, p. 318) Ele consegue libertar-se da terrível rotina de humilhação e opressão causadas por sua esposa Zilla. Neste sentido, mesmo sendo preso por ter atirado na esposa, Paul se mostra muito mais feliz que o próprio Babbitt, pois não mais precisa fingir diante da sociedade. Notamos que a relação familiar de Paul baseava-se também no “manter as aparências”, porém ele consegue escapar desta vida que não lhe faz feliz.

A relação de Babbitt com o filho Ted não era das melhores, porque Babbitt queria que o filho estudasse na universidade de direito para satisfazer a sua própria vontade, porém Ted tinha a sua vontade que era ser mecânico:

[...] O rapaz interessava-se por tudo, menos pelo estudo. [...]
- “Escuta, pai, eu não podia pedir transferência da universidade para a escola de engenheiro mecânico? Tu sempre reclamas que eu não estudo, mas palavras que lá havia de estudar.”
- “Não, a escola de engenharia não tem o prestígio que tem a universidade.” (LEWIS, 1980, p. 348)

Nessa citação Babbitt deixa claro a sua vontade sobre o filho, pois para ele não interessava se o filho estaria feliz ou não nessa universidade, o importante era o prestígio social que estudar em uma universidade traria. Para Babbitt importa que o filho seja um reflexo do sucesso do pai. Não se importa com a felicidade ou satisfação do filho em escolher uma carreira, mas com o “mostrar-se” aos olhos da sociedade. Vemos que a relação entre pai e filho não é uma relação de camaradagem ou amizade. Babbitt quer usar o próprio filho para chamar a atenção sobre si nesta sociedade que se importa com as aparências.

Babbitt durante a crise da tentativa de fugir dessa sociedade fútil e consumista e entra para os sindicatos socialistas e defende Seneca Doane, advogado socialista que defendia o liberalismo. Os amigos do clube criticam esta postura de Babbitt, pois que se diferia muito do Babbitt do passado:

Aquele dia ao almoço observou suspicazmente os seus companheiros do Clube Atlético. Pareceram-lhe constrangidos. Tinham, pois, estado a falar nele. Ficou furioso. Tornou-se agressivo. Não só defendeu Seneca Doane como até zombou da Associação Cristã de Moços. (LEWIS, 1980, p. 383)

Babbitt tenta voltar ao passado, quando ele, ainda jovem, estudante de direito, tinha idéias socialistas de ajudar os pobres e defender a causa dos trabalhadores. Tudo isto mudara quando se casara com Myra e virara sócio de seu sogro. Por isso, os amigos que o conheceram como membro desta classe média consumista não o reconhecem e acabam por criticar-lhe as atitudes suspeitas, pouco dignas de um membro da elite da cidade de Zenith. Novamente notamos que as relações entre estes personagens, membros do clube Atlético, não são baseadas em amizade ou companheirismo, mas em aparência. Quando Babbitt deixa de comportar-se como o esperado, passa a ser ignorado. Assim, vemos que os personagens do romance comportam-se de acordo com a sociedade capitalista da cidade de Zenith, que exclui aquele que não se adéqua a seu sistema.

Quando Babbitt percebe que suas tentativas de mudança são infrutíferas, ou seja, quando percebe que o caso extraconjugal e o convívio com a “turma” não lhe trouxeram felicidade; quando vê que ser socialista e defender os trabalhadores o levavam a ser excluído de seu círculo social e quando percebe que poderia perder a esposa, Babbitt volta a ser o Babbitt conformado, adequado aos anseios de sua classe e sua família, arrependendo-se do que fizera:

O seu arrependimento apavorado da noite anterior e ainda daquela manhã era talvez passageiro, mas este inumano aniquilamento de sua mulher, que fora tão pateticamente humana, abalou-o pelos alicerces. Foi sentar-se de novo no tamborete, jurando fidelidade à esposa... a Zenith... aos negócios...a todos os princípios do clã dos Bons Rapazes. (LEWIS, 1980, pp.427-428)

Ele se arrepende por pensar apenas nele e não pensar nas conseqüências em voltar a ser o que era na juventude, e não consegue ir além nos seus objetivos de sair dessa sociedade consumista. Como volta a fazer parte dela, acaba por justificar esta volta com bons argumentos, como vemos:

Se antes duvidara dos seus vizinhos e do supremo encanto dos Bons Rapazes, convenceu-se então: “Não se via”, notou, “Seneca Doane trazer flores nem se dar ao trabalho de vir cavaquear um instante com a patroa.” [...] Todos os seus amigos cessaram de murmurar, de suspeitar dele. (LEWIS, 1980, p. 428-9).

Vê-se nesta citação que George Babbitt volta à sua vida conformista dando explicações aos seus amigos para que eles acreditassem que ele voltou a ser o antigo Babbitt, deixando de lado suas idéias liberais e falando apenas o que essa classe gosta de ouvir. Dentre estes acontecimentos em sua vida, Babbitt tem um único momento de mudança que foi o fato de ter apoiado seu filho na sua decisão de ter casado jovem, mesmo a contragosto de todos os demais:

[...] Bem, talvez tu vás mais longe. Não sei. Mas sinto uma espécie de satisfação furtiva por ver que tu sabias o que querias, e o fizeste. Essa gente vai procurar intimidar-te, dominar-te. Manda-os para o inferno! Eu te apoiarei. Aceita o emprego na fábrica, se quiseres. Não tenhas medo da família. Não, nem de toda Zenith. Nem de ti mesmo, como eu tive. Avante meu filho! O mundo é teu! (LEWIS, 1980, p. 441)

Babbitt apóia seu filho e lhe aconselha a persistir em seus objetivos, em seus sonhos, a fazer, enfim, o que lhe fosse mais aprazível, sem se deixar dominar, diferentemente do que fizera ele, Babbitt. Espera que o filho seja feliz no casamento escolhido, e tenha coragem de enfrentar as situações que lhe possam ser impostas. Percebemos que Babbitt espera que o filho não seja como ele, por isso projeta em seu filho a felicidade que não conseguira, e deseja que Ted tenha a coragem que ele não tivera.

Podemos dizer que os personagens dessa obra, principalmente George Babbitt apresentam, muitas características típicas da sociedade estadunidense da década de 20, uma época de consumismo e cujo personagem protagonista acaba mostrando em suas relações sociais os problemas desta classe. Os sofrimentos, frustrações e as alegrias de Babbitt enfocam a fragilidade da classe média, o seu desejo por enriquecimento, por exibição, por mostrar a outrem toda sua felicidade, seus bens, sua ascensão.

Considerações finais

Este artigo utilizou a teoria literária sociológica para analisar o romance *Babbitt*, (1922), de Sinclair Lewis, verificando as relações do personagem protagonista Babbitt com sua sociedade consumista e conformista, a classe média norte americana da década de 20. Verificou-se que o personagem George Babbitt é o principal representante dessa classe fútil e consumista da classe média norte-americana, porque ele é o grande responsável pelos acontecimentos em sua vida. Por ter sido fraco em suas decisões, tornando-se um

fracassado na família, com os filhos e com os amigos, Babbitt aceita viver de forma fútil, vivendo de aparências, dando valor aos bens que possui e pensando pouco na própria felicidade. Ao longo da narrativa o personagem acaba se questionando sobre o caminho escolhido e até tenta mudar. Busca algo diferente do que tem no dia a dia: tenta conseguir amor fora do casamento, pois este já estava entediante; tenta tornar-se socialista, como havia sonhado na juventude; tenta dar pouca atenção aos comentários dos colegas de seu clube. Porém, não consegue, pois o preço a pagar por tais mudanças seria alto demais, envolveria o fim do casamento, a perda da sociedade com o sogro, a separação dos filhos, a perda do prestígio social. E volta à sua rotina, ao seu casamento, ao seu clube, aos seus colegas, às convenções sociais.

Em relação aos outros personagens do romance, notamos que sua esposa, Myra, também era uma mulher que vivia de aparência, sua felicidade consistia em mostrar-se socialmente, dando jantares, convidando pessoas pertencentes à classe alta para eles. Já Paul, amigo de Babbitt, consegue libertar-se do casamento fracassado, dando um tiro na esposa.

Porém há um ponto que nos parece positivo e o parece ao próprio Babbitt também: ao fim do romance ele apóia o filho, surpreendentemente, pois este, ainda muito jovem, decidira casar-se com sua namorada e aceitar um emprego em uma fábrica ao invés de tentar fazer a faculdade, como era sonho de seu pai. Babbitt percebe que o filho devia tomar suas próprias decisões para conseguir ser feliz e que se aceitasse as imposições da sociedade jamais conseguiria realizar-se, como acontecera com ele mesmo.

Assim através dos personagens e de suas ações constata-se que esta obra literária está inserida no contexto no qual foi produzida, e que o romance tematiza criticamente a classe média norte-americana na década de 20, mostrando-a como uma sociedade que vive de aparência e que para Babbitt a família, os filhos, a casa moderna, os clubes, as festas, etc, serviam apenas para ganhar status nesta sociedade fútil, consumista e conformista que era a classe média.

Referências

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

GOLDMANN, Lucien. **A Sociologia do Romance**. Trad. Álvaro Cabral. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

KARNAL, Leandro, et. al. Décadas da Discordância: 1920-1940. In: **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XXI. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SINCLAIR, Lewis. **Babbitt**. Trad. Leonel Vallandro. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

SILVA, Marisa Corrêa. Crítica Sociológica. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (orgs) **Teoria Literária**: Abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas. Maringá: Eduem, 2003.

TADIÊ, Jean-Yves. **A crítica literária o século XX**. Trad. Wilma Freitas Ronald de Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

LUCKÁS, Georg. **Teoria Literária**. Tradução Alfredo Margarido. Lisboa: Presença, 1963. (Apud SILVA, 2003).

BAKTIN, Mikhail. Problemas on Dostoevsky's poetics. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984. (Apud SILVA, 2003).